

## A INVIZIBILIDADE DA MATA DO LOUZEIRO: UMA QUESTÃO AMBIENTAL

Rozeane Albuquerque Lima<sup>1</sup>  
Rafaella de Sousa Teles<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo provoca uma reflexão sobre a área do Louzeiro, uma região de 60 hectares que na década de 1990 passou a área protegida, antes sítio de Campina Grande – PB. Por ser um espaço que compreende parte da área urbana da cidade, visamos estudar a transição de sítio a mata, a partir das trajetórias dos sujeitos históricos que viveram esse momento e desconhecem seus significados. Com isso queremos perceber como a paisagem e a identidade campinenses foram construídas dialogando com os discursos emergentes e as intencionalidades quando das apropriações destes. Assim como, buscamos sinalizar questões ambientais como situações abertas que pouco dialogam e fazem parte das demandas sociais a nível micro, como o caso do Louzeiro, o que se amplifica a nível macro. Por isso, espaços como esses chegam a servir de burlas para estratégias governamentais, prejudicando o ambiente com inúmeras práticas astuciosas, a partir dos sentidos contruídos pelos que habitam ou transitam no cenário. Para tanto, as fontes utilizadas foram a legislação vigente, entrevistas temáticas, mapas diversos, inventário de fauna e flora do local, vídeos e fotos disponibilizados na *internet*, o hino da cidade e o livro História de Campina Grande, de Elpídio de Almeida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Louzeiro, invisibilidade, burlas.

### Introdução

Esse texto reflete a invenção da mata do Louzeiro, uma região de 60 hectares que fica dez minutos do centro de Campina Grande – PB<sup>3</sup>. Situado entre os bairros da Conceição, Jeremias, Rosa Mística, Alto Branco, Jenipapo, Cuités, Jardim Continental, Alto Branco e Palmeiras. Recebeu status de zona de proteção, pela Lei Orgânica Municipal na década de 1990 e, desde então, estaria sendo desapropriado pela Prefeitura Municipal da cidade com o objetivo de nele implantar o Jardim Botânico de Campina Grande- JBCG.

Interessa a esse texto, entender como se deu esse processo de legalização desse espaço enquanto mata protegida e as inaplicabilidades desse tecido legal no cotidiano local. Nesse

<sup>1</sup> Doutoranda em História pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; e-mail: rozeanelima@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutoranda no Doutorado Interinstitucional em História Social pela Universidade de São Paulo (USP)/ Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); e-mail: rafaellasousa@usp.br.

<sup>3</sup> O município de Campina Grande está situado no agreste paraibano, na parte oriental do planalto da Borborema, em uma área de transição entre a zona da mata, brejo e sertão. Faz parte do semiárido paraibano e apresenta uma média de precipitação pluviométrica de 800mm/ano. Localiza-se numa altitude média de 550 metros acima do nível do mar, a 130 km de distância da capital do estado e abrange uma área territorial de 594,182 Km<sup>2</sup>. Atualmente, a população urbana é de 367.209 e a rural 18.004. É a segunda cidade mais populosa do estado (IBGE, 2010).

sentido, foi possível mapear a partir da legislação vigente, entrevistas temáticas, mapas diversos, inventário de fauna e flora do local, vídeos e fotos disponibilizados na *internet*, o hino da cidade e o livro História de Campina Grande, de Elpídio de Almeida, o que oficialmente se conta do local, e as práticas cotidianas invisíveis que contam outra versão e compreensão das demandas locais sobre o lugar praticado.

## **Desenvolvimento**

Apesar de ser uma zona desabitada, o Louzeiro é o espaço de várias práticas de burla. Ao ser instituída a zona de proteção muitas destas práticas se tornaram criminosas, dentre elas a caça, a retirada de lenha, de argila (para uma olaria que funciona no próprio local), de areia, e o despejo de resíduos industriais. Estas são algumas das formas como a população do entorno, os moradores dos bairros vizinhos, vem se relacionando com a área desde a década de 1960.

A foto abaixo foi tirada em uma olaria que retira argila do próprio Louzeiro para a produção de tijolos refratários que são usados, dentre outras atividades, no fabrico de churrasqueiras e são comercializados dentro da área protegida. A argila do Louzeiro, por estar localizada em solo não salinizado, é conhecida pela sua boa qualidade, principalmente para o fabrico de tijolos ou fornos refratários. Ela é conhecida na cidade de Campina Grande como argila branca.

Figura 04



Foto: Olária no Louzeiro. Autor: Cristian Costa, ano: 2012.

A realidade urbana das cidades brasileiras, e Campina Grande não é exceção, revela um ecossistema em total desequilíbrio, e as práticas cotidianas, políticas, jurídicas, históricas, culturais e discursivas redundam em um conjunto de táticas (CERTEAU, 1988) aleatórias que não buscam a restauração do equilíbrio dessa biota<sup>4</sup>.

Escrever sobre o Louzeiro em Campina Grande possibilita visibilizar também as táticas dos fracos, das populações da periferia da cidade, favelas e regiões carentes que delimitam as fronteiras da zona de proteção, acessando-a e tendo com ela uma relação de simbiose e de exploração, no sentido de obter os recursos para a sua sobrevivência na sociedade. Sousa, em 2009, identificou, através de diagnóstico, as principais práticas que degradam o Louzeiro, muitas exercidas pela comunidade que mora no entorno: “deposição de lixo na área, retirada de espécies vegetais na forma de lenha, trânsito de pessoas e animais dentro da reserva, pesca, caça de animais e queimadas” (SOUZA, 2009, p.96). Ainda analisando estes impactos, Sousa afirmou que isso ocorre por causa do grande crescimento da população urbana. Segundo ele:

O homem, em especial aqueles de baixa renda, visando atender suas necessidades básicas, tende a buscar nos resquícios de vegetação, meios de sobrevivência, retirando destes fragmentos madeira, frutas e animais para alimento, provocando incêndios e, comprometendo o potencial biológico dos ecossistemas (SOUZA, 2009:96).

Algumas das formas como as pessoas dos bairros vizinhos se relacionam com o Louzeiro são afirmadas neste diagnóstico e interpretadas pelos autores. Percebe-se, no comentário, a exploração dos recursos naturais do espaço como uma estratégia de sobrevivência desta população.

Os estudos sobre o Louzeiro tiveram por eixo norteador os recursos naturais, o inventário de fauna e flora, as fontes de água que existem no local e o riacho das Piabas, primeira fonte de abastecimento de água doce de Campina Grande, que atravessa o local e cujas fontes lá existentes ajudam a formá-lo. Estes estudos, notadamente desenvolvidos no Curso de Pós Graduação em Recursos Naturais/ UFCG nos serviram como fonte e como alternativa de diálogo para a construção de uma história cultural do ambiente tendo o Louzeiro como ponto referencial.

Um trabalho com o qual dialogamos diretamente foi a dissertação escrita por Veneziano Guedes de Souza no Programa de Pós Graduação em Recursos Naturais- UFCG-

---

<sup>4</sup> Compreende-se por biota os seres integrantes da fauna e da flora de uma determinada região. O termo tem valor de referência específico dentro de um complexo biológico local (SOARES, José Luis. **Dicionário Etimológico e Circunstanciado de Biologia**. São Paulo: Scipione. 1993. p.49).

Campina Grande, que tem por título: *Diagnóstico e prognóstico socioeconômico e ambiental das nascentes do Riacho das Piabas (PB)- 2010*. Outros artigos também do mesmo autor ou de participantes da *Articulação em Prol da Revitalização das Nascentes do riacho das Piabas*, que reúne a sociedade civil como um todo: a igreja católica, principalmente as paróquias dos bairros do entorno do Louzeiro, com destaque para o Convento de São Francisco, no bairro da Conceição, onde geralmente ocorrem as reuniões, as SABs da microbacia do riacho das Piabas, pesquisadores e instituições diversas (EMBRAPA, Quartel do Exército, escolas privadas e públicas e estabelecimentos comerciais) que se localizam na microbacia, interessadas no debate, devidamente referenciados ao longo desta pesquisa, também nos foram de muita importância.

Sobre esta Articulação, Veneziano, em depoimento, afirma:

A Articulação surgiu inicialmente por um pedido da comunidade, foi uma intervenção da comunidade durante a campanha da fraternidade em que a população ao redor da mata do Louzeiro vinha sofrendo muitos sinistros do ponto de vista da violência enfim, e estavam sendo liderados por um franciscano e este franciscano soube que eu estudava a região, me recorreu, me pediu ajuda, então eu não podia ajudar como pessoa física em função das tensões daquele momento, das ameaças, de alguns donos que pensavam que eu queria tomar a terra deles, que eu queria complicar a vida deles, mas eu vim aqui ao projeto Universidade Cidadã da Universidade Federal e trouxe o pedido da comunidade. Eu disse olha, tem uma comunidade sofrendo esta realidade de exclusão social, de injustiça ambiental e mandaram pedir aqui ao projeto Universidade Cidadã apoio, e o coordenador, o Professor Fernando Garcia foi sensível e o projeto Universidade Cidadã já tinha uma parceria com uma das escolas lá, a Luzia Dantas que é uma escola de ribeirinhos e a partir de então houve uma feliz coincidência, entre a comunidade, entre a igreja, entre as escolas, entre o projeto Universidade Cidadã que precisava de um papel social para não se descontinuar como aconteceu em todo o Brasil exceto aqui na Paraíba, ele conseguiu com esta região se firmar. E para mim, como pesquisador, que fui ver aquilo do ponto de vista do fenômeno, entende? A Articulação ela dialoga com todos os atores da sociedade, de uma forma apolítica, de uma forma ecumenical sempre tentando questionar qual é o acesso e o uso que nós estamos dando a estes recursos naturais e tentando também ver se nós não podemos fazer isso de uma forma que se beneficie a todos. Através de bens e serviços que possam melhorar gradativamente aquele ambiente do ponto de vista econômico, social, ambiental, cultural, tecnológico (VENEZIANO GUEDES, 2014).

Pela fala de Veneziano Sousa percebemos a participação ativa de várias instituições na defesa do espaço, uma delas a Universidade Federal de Campina Grande, através do projeto Universidade Cidadã que, pelos conceitos trabalhados no depoimento, se alinha com o discurso da sustentabilidade. Neste momento, já depois de 2010, há uma presença mais ativa da população, ainda que seja apenas a do entorno do Louzeiro, no debate sobre preservação, segurança, dentre outros problemas que envolvem o espaço. Mas nem sempre foi assim.

As cinquenta mil pessoas que moram nos sete bairros do entorno do Louzeiro referenciam este espaço como um sítio, mesmo depois da implantação do jardim botânico, que ainda não está efetivamente funcionando. Nas várias memórias constam as cheias do

riacho das Piabas, a fatura de fruteiras e a coleta de água doce para abastecer as casas. Veneziano Guedes de Sousa, em depoimento sobre a infância no Louzeiro, afirma: Eu ainda me lembro do tempo em que eu era criança e tomava banho no riacho das Piabas. Eu e meus amigos íamos comer frutas, as mais diversas no Louzeiro (VENEZIANO GUEDES, 2014).

O Professor Hugo Vieira, já citado neste trabalho, também lembra das suas atividades no Louzeiro: Coletei muita raiz e casca de árvores para fazer remédios pra minha família no Louzeiro. Além de pastorear nossas cabras (HUGO VIEIRA, 2013).

Excetuando as comunidades do entorno, o Louzeiro é um espaço invisível, desconhecido dos moradores de Campina Grande, muitos sequer ouviram falar sobre ele, quer enquanto bairro, quer enquanto zona de proteção.

Olhar para a natureza entendendo que existe uma sensibilidade historicamente construída do ser humano para com ela e existe atualmente uma preocupação alimentada pelo discurso da sustentabilidade que emerge na década de 1980 e perpassa a finitude dos recursos naturais e o equilíbrio do ambiente no qual o ser humano se insere, possibilita compreender a transformação do Louzeiro em zona de proteção em 1990. Sobre este cenário e sobre o debate sobre meio ambiente ao longo das décadas de 1970, 1980 e 1990 no Brasil e, especificamente em Campina Grande, o Dr. Ramiro Manoel Pinto, atualmente analista da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e professor do Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento (CESED) e da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (FACISA), além de ambientalista por mais de 30 anos na cidade, em depoimento, afirmou:

Reconheço que o tema ambiental, que era bastante marginal nas décadas de 1970 e 1980, chega na década de 90 com bastante força, principalmente no Brasil, por ter sido a sede da ECO-92. Nas décadas de 1970 e 1980, nós ativistas ambientais, éramos tratados de forma pejorativa, de desprestígio, sem sermos levados em consideração, éramos tachados de “lunáticos”, “ecochatos”, “sonhadores”, dentre outros adjetivos depreciativos. Porém, os desastres ambientais de grandes proporções começam a acontecer em diversos países e o movimento ambiental começa a tomar força desde 1962 quando ocorreu um fato emblemático na denúncia dos problemas ambientais, com o lançamento do livro Primavera Silenciosa (*Silent Spring*), da escritora, cientista e ecologista norte-americana Rachel Louise Carson, um *best-seller* alarmante que trouxe à luz do dia os problemas do pesticida DDT e tornou pela primeira vez grande parte do Governo Americano e do público consciente de que todos os seres vivos dependiam uns dos outros, e de um ambiente saudável, para sobreviverem, aliado a pressão da Guerra do Vietnã, com o uso do agente laranja, posteriormente com as ações do Greenpeace (RAMIRO, 2014).

Trazendo este debate para o nível local, cabe uma reflexão sobre a chegada do Partido Verde no Brasil e em Campina Grande para compreendermos a emergência, com maior intensidade do discurso ambiental na cidade na década de 1980.

Em 1972 um grupo de ecologistas da Tasmânia (Austrália) se reuniu para impedir o transbordamento do Lago Pedder, este grupo era o *Green Party* (Partido Verde), que atualmente é bastante ativo na política australiana. Da Austrália os verdes propagaram suas ideias também na Europa na década de 1970, se consolidando enquanto partido político na década de 1980. No Brasil, em 1986, no Rio de Janeiro emergiu o Partido Verde com um grupo composto por escritores, jornalistas, ecologistas, artistas e ex-exilados políticos, dentre eles estavam Alfredo Sirkis, Herbert Daniel, Guido Gelli, Lucélia Santos e Fernando Gabeira. O primeiro deputado estadual pelo Partido Verde foi Carlos Minc, eleito em aliança com o Partido dos Trabalhadores em 1986. Foi no início da década de 1990, principalmente com a Rio 92 (Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano) que o Partido ganhou força no país.<sup>5</sup>

Em Campina Grande, o Partido Verde (PV) tem suas ideias difundidas em 1985, sendo Ramiro Pinto um dos membros fundadores, ocupando também, no intervalo entre 1985 e 1995 o cargo de dirigente estadual e municipal. Ramiro também foi membro fundador e dirigente da Organização Campinense dos Amigos da Natureza- OCAN entre 1982 e 1985 e membro fundador e dirigente do Movimento Ecológico Livre – MEL entre 1985 e 1988. PV, MEL e OCAN tiveram um papel ímpar na emergência de um discurso ecológico que inserisse Campina Grande no cenário ambiental nacional. Ramiro Pinto, juntamente com Josafá de Orós (também ambientalista) e Jógerson Pinto (irmão de Ramiro Pinto) foram vozes muito fortes nesta conjuntura. A emergência destas vozes, destas instituições, deste discurso ambiental em Campina Grande na década de 1980 foi muito importante para compor cenário que possibilitou a instituição da zona de proteção no Louzeiro no início da década seguinte.

Deslocar um pouco o olhar para os 3.953 ha da Floresta da Tijuca no Rio de Janeiro para tentar compreender como o local “encontra-se no coração geopolítico dessa cidade, confundindo-se com a identidade visual mais nobre do Rio de Janeiro e incluindo alguns dos ícones da sua paisagem cultural” (PÁDUA, 2006, s/p), auxilia na compreensão das razões pelas quais o Louzeiro ocupa um lugar de invisibilidade, de quase inexistência na construção da identidade do campinense: ele encontra-se na periferia, e apesar de sua importância histórica devido ao fornecimento de água para a cidade quando do surgimento dos primeiros aglomerados populacionais, esta região foi esquecida pelos principais escritores que se propõem a dissertar sobre Campina Grande. Mas por quê? Para compreender esta

---

<sup>5</sup>Sobre o Partido Verde no Brasil e no mundo ver : <http://pv.org.br/opartido/> acesso em 24/01/2014.

invisibilidade precisamos entender os discursos que dialogam direta ou indiretamente com o Louzeiro e que (des) autorizam este espaço a integrar a identidade de Campina.

A construção do belo, no que toca ao meio ambiente é ditada pelos programas midiáticos, que transformam as florestas em verdadeiros jardins do Éden. Esta construção é norteada pela floresta tropical, com suas árvores altas, folhagens sempre verdes, clima quente e úmido. Neste sentido, a Caatinga não atende ao imaginário coletivo de uma bela paisagem ambiental, não é o que a população quer associar a uma identidade visual de uma cidade. O espaço do Louzeiro é um ecótono, composto também pela vegetação típica da Caatinga: arbustos baixos, galhos retorcidos, algumas plantas usam o recurso de perderem as folhas no verão para sobreviver com pouca água, o que deixa a mata com o aspecto branco, daí o seu nome Caatinga - mata branca.

Esta construção imagética da Caatinga se relaciona com os debates propostos por Albuquerque Junior (2011) em seu livro *A invenção do Nordeste e outras artes*. Invenção esta que atende inicialmente ao clamor dos políticos que ambicionavam a liberação de mais verbas para este espaço. A seca foi o principal argumento para conseguirem tal intento. No entanto, ao se construir a região baseada em um fenômeno climático natural, não se levou em consideração a existência de outras estações que não a da seca no bioma Caatinga, nem se considerou que há um reducionismo em muitos aspectos, inclusive no ambiental (cuja construção se dá na Caatinga e no período de estiagem, ignorando que este recorte geográfico abrange três biomas: Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica) ao se limitar o Nordeste às adversidades causadas pelas irregularidades do regime pluviométrico. Desta construção discursiva do Nordeste emergiu a identidade atribuída ao nordestino.

Ser nordestino para muitos, inclusive para a elite intelectual, era, e ainda é sinônimo de ser rural, miserável, arcaico e culturalmente inferior. A identidade regional foi sendo construída tendo por base os elementos mais conservadores da cultura popular tais quais o cangaço, os “costumes” da zona rural, a literatura de cordel, as imagens da Caatinga no período da seca, entre outros, sem se considerar outros aspectos culturais, ambientais e econômicos presentes no mesmo espaço. Esse discurso reducionista em torno da identidade do nordestino fomentou a discriminação do Sul no que toca ao tratamento para com os que ali chegavam provindos do Nordeste em todos os níveis da sociedade, inclusive no meio acadêmico. Se durante algum tempo esta construção imagética pôde ser interpretada por alguns como sinônimo do sertanejo forte, do homem que vence o meio ambiente, de algo

positivo, depois de 1980, com a emergência de novos discursos sobre o semiárido, alguns destes elementos foram postos em cheque.

Campina Grande sempre foi apresentada como símbolo de modernidade, de progresso. Uma das maiores cidades do interior do Norte e Nordeste, de importância singular para o Compartimento da Borborema, que comporta 43% do Estado, polo de produção acadêmica, de relações comerciais, de prestação de serviços. Sua imagem foi construída se contrapondo a este Nordeste (ao mesmo tempo em que fortalecia este discurso). O verde das serras anunciado no hino da cidade não poderia ser “manchado” com a mata branca do Louzeiro. Os intelectuais desta cidade não haviam de querer associar a imagem da Caatinga à construção identitária do seu povo. No trecho do hino de Campina Grande percebe-se que os elementos naturais são usados para construir um discurso de uma cidade agraciada pela beleza cênica de um ambiente detalhadamente pensado para se adequar à imagem de uma cidade predestinada ao progresso, ao sucesso:

Venturosa Campina querida,  
Ó cidade que amo e venero!  
O teu povo o progresso expande,  
És na terra o bem que mais quero!  
O teu céu sempre azul cor de anil,  
Tuas serras de verde vestidas  
Salpicadas com o ouro do sol,  
Ou com a hóstia dos brancos luares!  
(trecho do hino de Campina Grande, letra Fernando Silveira).

Ao voltar o olhar para o hino, um dos símbolos de Campina Grande, percebe-se o enaltecimento de aspectos da paisagem “natural” na construção imagética de uma terra bem aventurada, aspectos inclusive que nem sempre correspondem ao que lidamos no cotidiano. Campina Grande é famosa pela nebulosidade e as nuvens não permitiriam um *céu sempre azul cor de anil*, as mesmas nuvens atrapalhariam os *brancos luares e o ouro do sol* que salpica as serras propostos por Fernando Silveira na letra. Dados do IBGE que situam o município na Caatinga confirmam a paisagem da mata branca em seu entorno (ou pelo menos em parte dele) quando da estação seca, por isso mesmo nem sempre as serras estariam vestidas de verde.

O discurso que inventa o Nordeste também dialoga com a invisibilidade do Louzeiro, pois Campina Grande, ao se construir enquanto moderna e predestinada ao sucesso, não quer ter sua imagem associada à Caatinga presente no Louzeiro, ao Nordeste rural e atrasado que este bioma, neste discurso, faz lembrar.

## Considerações finais

Ao longo deste texto o debate teve o norte teórico de compreender o espaço e suas transformações, não apenas o espaço geográfico, mas o espaço imagético-discursivo. Analisando os discursos compreendemos que o Louzeiro, enquanto mata, foi inventado para fins de preservação do espaço e que, ao inventar a Mata do Louzeiro, o poder público também territorializou o antigo sítio. O mapeamento da legislação: Código Florestal de 1965 e Código das Águas de 1934 detalhou a base legal para a invenção da mata. As entrevistas permitiram a visualização das transformações ocorridas no espaço ao longo das décadas, e a visualização de que, no momento anterior à criação da zona de proteção, em 1990, existiam elementos e práticas condizentes com a ocupação do espaço enquanto sítio convivendo concomitantemente com elementos e práticas de uma mata. Associados a estas entrevistas, dados do IBGE, o mapa de solos da cidade, o georeferenciamento da área mostraram a riqueza de um ecótono que abriga as únicas fontes de água doce que, ao longo de um grande período, abasteceram o município e que está encravado na zona urbana, cercado por outros bairros. Em um diálogo inicial com a identidade do campinense o levantamento dos discursos que a construíram quando analisados junto aos discursos sobre meio ambiente permitiram a compreensão da invisibilidade do espaço e de que apesar do espaço ser invisível aos olhos da população, discursos específicos já se apropriavam e territorializavam o local, tentando construir para ele um lugar de fala, uma memória associada ao mito de origem da cidade, associado à inserção de Campina Grande no debate ambiental emergente na década de 1980.

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978.

BRITO, Vanderley de. OLIVEIRA, Thomas Bruno. A missão catequética de Campina Grande: uma pseudmissão para dissimular o etnocídio nos sertões da Paraíba. In: **Tarariú**. Campina Grande, ano 3, vol 1, n. 4. Abr/mai 2012, p. 7-21. Disponível em: [http://mhn.uepb.edu.br/revista\\_tarairiu/n4/TARAIRIU\\_N04.pdf](http://mhn.uepb.edu.br/revista_tarairiu/n4/TARAIRIU_N04.pdf) . Acesso em 10/10/2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

LIMA, Vera Lúcia A.; SOUSA, Valdir Cesarino de; et al. Avaliação preliminar de impactos ambientais no entorno do Louzeiro e Riacho das Piabas–Campina Grande–PB. In: **Revista UEPB**. Campina Grande. 2010. Disponível em <http://revista.uepb.edu.br>. Acesso em 01/10/2011.

PÀDUA, José Augusto. Floresta da Tijuca: viagens pela História. In: **O Eco**. 2006. Disponível em <http://www.oeco.com.br/todos-os-colunistas/67-jose-augusto-padua>. Acesso em 13/09/2011

SOARES, José Luiz. **Dicionário etimológico e circunstanciado de biologia**. São Paulo: Scipione. 1993.

SOUZA, Veneziano Guedes de. **Diagnóstico e prognóstico socioeconômico e ambiental das nascentes do Riacho das Piabas (PB)** (Dissertação de Mestrado em Recursos Naturais). UFCG, 2010.

**Videos:**

CAMPINA GRANDE - PB - **Homenagem a mais bela Cidade**. Produção: Carlos Magno Marcelo de Lacerda. Campina Grande, 2013. 1 YouTube (14Min57s). Áudio: português. <http://www.youtube.com/watch?v=aMFI3pXm1jg> . Acesso em 04/11/2013.

**Entrevistas:**

BRUNO VAZ. Bruno Vaz Diniz. [dezembro de 2013. Campina Grande: Secult, 2013.

HUGO VIEIRA. Hugo Vieira. [dezembro de 2013]. Campina Grande: UFCG, 2013.

RAMIRO PINTO. Ramiro Manoel Pinto Gomes Pereira. [janeiro de 2014]. Campina Grande: UFCG, 2014.

VENEZIANO GUEDES. Veneziano Guedes de Souza. [janeiro de 2014]. Campina Grande: UFCG, 2014.